

EDICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO das RELIGIÕES

VOLUME II
K - Z

SHUGO
SCHLESINGER



VOZES

Petrópolis
1995

PHUMBERTO
PORTO

LAS HALDAS – Local situado ao sul do vale de Casma, no Peru. Foi um dos núcleos de cultura templária antiga. O complexo cerimonial era uma curiosa estrutura em forma ovalada de baixo nível. Media 650 por 200 metros, sendo por sua localização sobre um promontório rochoso que se estende até o mar, o centro do culto primitivo à Mama-Cocha, que era a água primordial que se materializou no Oceano e especialmente no lago de Titicaca. Esse culto perdurou até à época da conquista.

LASH, NICHOLAS – (1934-) Teólogo católico. Nasceu na Índia. Desde 1978 é professor de teologia na Universidade de Cambridge. Entre suas publicações contamos: *His Presence in the World* (1968), *Change in Focus* (1973), *Newman on Development* (1975), *Voices ver Beach* (1976), *Theology on Dover Beach* (1976) e *A Matter of Hopes, a Theologian's Reflections on the Thought of Karl Marx* (1981).

LASHON HARÁ – Expressão hebraica para acusação falsa. Veja também: CALÚNIA.

LASKI, JAN – (1499-1560) Reformador polonês. Nasceu em Lask. Ordenou-se sacerdote em 1521. Esteve em Pádua, Paris e Bruxelas, onde conheceu Erasmo de Rotterdam. Comprou a biblioteca deste, autorizando a usá-la enquanto vivesse; após a morte de Erasmo, a mesma foi levada para a Polônia. Durante suas viagens entrou em contato com o movimento da Reforma, particularmente com Zwingli, mas não rompeu com o catolicismo. Residiu algum tempo na Hungria, sendo nomeado bispo de Veszprem (1530), cargo que não foi confirmado pelo papa. Regressando à Polônia, tornou-se cada vez mais suspeito de favorecer o protestantismo. Em Cracóvia prestou o juramento de não haver abandonado a doutrina católica (1544). Estabelecendo-se em Emden, Alemanha, reorganizou a igreja reformada segundo seus próprios princípios, os quais diferiam algo do luteranismo. Forçado a abandonar Emden, por ser hostil a Carlos V, estabeleceu-se em 1550 na Inglaterra. Organizando a comunidade de alemães e holandeses, fixou-lhe as normas religiosas, simplificando o cerimonial e fazendo participar do governo da igreja grande número de leigos. Todavia, precisou deixar a Inglaterra, mal-visto pelos luteranos da Alemanha e da Dinamarca, regressou à pátria (1556), onde procurou conseguir a unificação dos protestantes poloneses. Antes de morrer lançou as bases do chamado acordo de Sandomierz, concluído em 1572, o ato mais importante na história do protestantismo polonês.

LĀT OU AL LĀT – Do árabe: “deusa”. Divindade antiga da Arábia. Seu santuário principal ficava em Tā'if, ao sul de Meca, onde era representada por uma pedra branca. O santuário foi destruído após a conquista de Meca, por Maomé, em 630 d.C., mas a veneração de Lāt continuou por muitos séculos. Ibn Is-hāq, o biógrafo de Maomé, dizia que Satanás foi o primeiro a sugerir ao profeta a adição das palavras “estes são os cisnes exaltados cuja mediação é aprovada”.

LATAI – (Mit) Deusa mãe entre os habitantes da antiga Lícia. Recebeu vários epítetos como “mãe do santuário” e “mãe divina”. Em sua forma gregizada é Lētō. Outra grafia: Lada.

LATIM – (Cat) Língua indo-européia do grupo itálico falada no Lácio e em todo o Império Romano, que se tornou durante séculos a língua oficial da Igreja ca-

tólica. A evolução toda do latim cristão foi influenciada pelas antigas versões da Bíblia. A tradução fizera-se ao pé da letra, sem preocupações gramaticais e estilísticas. Os textos sagrados, assim formulados, serviam de base para a pregação, gravavam-se na memória e no coração pela liturgia e pelo canto dos Salmos. A linguagem teve que ser diversa do latim culto. Não podemos, porém, afirmar que se tenha adotado o latim dito “vulgar”. Fatores históricos e psicológicos vieram a formar uma nova língua, o latim da Igreja. Em 22 de fevereiro de 1962 o papa João XXIII promulgou a Constituição *Veterum Sapientia*, para incremento do uso do latim. Na primeira parte da Constituição são expostos os motivos históricos afetivos que levaram à sua promulgação. A preocupação subjacente era a de que a falta de estima aos estudos de latim nos seminários era indício, que o tempo veio a confirmar nestes 25 anos, de muitos outros ataques e ameaças à unidade da Igreja e seu magistério. Não obstante, o documento não é polêmico, limitando-se a salientar três aspectos do latim da Igreja: 1) a religião e a cultura devem estar sempre a serviço do homem; 2) o instrumento lingüístico do latim, historicamente, tem sido veículo de unidade para a Europa e um concreto contributo à unidade de todo o gênero humano; 3) para a Igreja latina, a língua de Roma é um elemento histórico de identidade que deve ser conservado, não por si mesmo, mas principalmente para o enriquecimento da mensagem universal da Igreja Católica.

LATIMER, HUGH – (c.1490-1555) Bispo de Worcester. Nasceu em Themaston, Leicestershire. “Papista” convertido ao protestantismo aos 30 anos, tornou-se um dos doze pregadores licenciados (licensed preachers) de Cambridge. Acusado de heresia, foi obrigado a assinar sem crer os artigos de fé. Resignou à diocese em 1539. Foi prisioneiro até a morte de Henrique VIII (1547). Readquiriu o favor sob o reinado de Eduardo VI, mas foi novamente preso e processado por ordem da rainha Maria. Condenado por heresia, foi queimado vivo. Considerado mártir da Reforma na Inglaterra. Seus sermões foram publicados em 1635.

LATINITAS – (Cat) Fundação com sede no Vaticano, destinada a promover o cultivo da língua latina. Goza do apoio total da Sé Apostólica. Em 1976 Paulo VI, com o Quirógrafo *Romani sermonis*, instituiu a Fundação “Latinitas” para as seguintes finalidades: “Fomentar toda a iniciativa pública e privada e patrocinar os esforços que promovam: a) o uso da língua latina entre pessoas de línguas diversas, nos escritos de caráter doutrinal, sobretudo quando estão relacionados com temas da Igreja, nas universidades católicas e nos seminários diocesanos; b) o estudo da língua e literatura latina clássica e da Idade Média” (AAS 58, 1976, p. 482).

LATINOS – Habitantes da região que se estendia entre o sul do curso inferior do Tibre e a planície Pontina (Pomptinus ager). Formavam grupos autônomos mais ou menos interligados por associações territoriais. Estas eram fundadas em vínculos religiosos. A maioria dos latinos conjugava-se no culto em torno do santuário de Júpiter Latiaris no Monte Albano ou do santuário de Diana Aricina no Nemus Dianae. Entre outros cultos federados mencionava-se o Lavinium com uma necrópole do século X a.C. e treze altares junto a uma tumba do século VII a.C. Os latinos praticavam o rito da incineração dos cadáveres, geralmente precedi-

do da inum. Diana no Avbrada entre r

LATITUI giosa que su gião é capaz *Syllabus* de l do século XV união de todo culo XIX a B tradição latitu

LATONA e de Febéia. S numa ilha do Apolo. Seu p com uma está Seu culto difu juntamente co Roma foram co

LATOURE tólico canadense 1950, pertence tos superiores e Gregoriana, literatura franc história (1950) teologia funda cipais publica *Théologie de l Gregorianum.*

LATRÃO dos Laterani. Fausta, esposa doação desse truiu no lugar tornou a catedrão um concí dos donatistas papas. O 1º C dos concílios ras disposição ro e os casam duras eclesiás celebrado entr que V, conhe “Pactum Cali tãos a batalha Concílio de L nhou-se em dr de vários anti Rogério da Si moníacas. Enc de 1119, diríg de Bréscia, i aqueles que r cramento do cio, outras or nio. Renovou clero. O 3º C dre III, fulm contra os cá: cramentos, o jugal e a obe definitivo às 1 aproveitado l

que tem o afresco análogo das catacumbas de Ciríaco onde o maná tomba de nuvens em belos flocos azulados, segundo a descrição imaginosa do pseudépígrafo livro da Sabedoria de Salomão que o chama de "alimento dos anjos", branco como a neve, transparente como o gelo e que se acomodava a todos os paladares (16,20s). O milagre do maná foi sobretudo representado do XIV ao XVII séculos. De Rafael a Poussin passando por Tintoretto e Veronese quase todos os artistas apelaram para ele, com segurança histórica ou apelo legendário. Mas o que timbravam em mostrar não era tanto o milagre como tal, nem a atitude dos israelitas, mas a adoração dos fiéis católicos ante a hóstia consagrada, verdadeiro pão do céu. Sabe-se que a doutrina da transubstanciação fora promulgada na metade do século XI. Orígenes compara o maná com a Sabedoria (Logos) que se faz alimento dos homens e se adapta a todas as idades, possibilidades, alcance real, revestindo todas as formas e todos os sabores (In Cant. 1 e 3; Sermo Mt. 100; Contra Celsum 4,18). Segundo Justino (Dial. 57) os anjos se alimentam do maná, verdadeiro alimento, porque possuem um corpo sutil. (CR)

MANAÉM - (Bibl) Personagem bíblica. Rei de Israel de 773 a 762 a.C. Era filho de Gadí e chefe da armada do rei Selum, a quem assassinou em Samaria, apoderando-se em seguida do trono. Selum, de sua parte, matara o rei Zacarias para reinar em seu lugar. Manaém era cruelíssimo. Reinou durante dez anos. Foi idólatra. Lutou com dificuldades internas, pelo que chamou em seu socorro Ful, rei da Assíria. Ao morrer, sucedeu-lhe no trono o seu filho Facéias.

2) (Séc. I) Profeta cristão da Igreja de Antioquia. Era missionário helenista, irmão do tetrarca Herodes. Os Atos dos Apóstolos (11) mencionam o seu nome, como componente do grupo que prolonga a missão dos apóstolos.

MANANNAN ou MANAWYDDAN - (Mit) Deus do mar da Irlanda e o equivalente ao Manawyddan do País de Gales. Era filho de Ler (ou Llyr). Destacou-se do seu pai, também um deus do mar e a tradição fala de muitos manannans. Cavalgava sobre as ondas ou as cruzava em sua biga e as ondas eram os seus cavalos. Manannan tinha poderes mágicos, dava imortalidade aos deuses, possuía um porco que retornava à vida após a morte, uma armadura invulnerável e uma espada invisível. Estava ligado à ilha de Man, que leva o seu nome, e onde se pode ver, ainda hoje, o seu túmulo gigantesco perto do castelo de Peel, e onde suas três pernas, dispostas como os raios de uma roda, são ostentadas girando no brasão de armas.

MANARANCHE, ANDRÉ - (1927-) Teólogo e cientista social católico. Nasceu na França. Entrou na Companhia de Jesus. Licenciou-se em teologia na Faculdade de Fourvière-Lyon e doutorou-se em ciências sociais no Instituto Católico de Paris. É redator dos *Cahiers d'Action religieuse et sociale* para a crônica religiosa. Leciona ética social no Instituto Católico de Paris e no Seminário Maior de Issy-les-Moulineux. Publicou: *L'Homme dans son univers*, 1966; *Prêches à la manière des apôtres*, 1967; e *Je crois en Jésus-Christ aujourd'hui*, 1968.

MANAS - (Hind) Do sânscrito: mente ou intelecto. Faculdade racional no homem concernente ao relacionamento do sujeito e objeto. Na filosofia Sāmkhya

esta razão é inferior a não ser que possa ser iluminada por Bhuddi, intelecto contemplativo ou mente superior, que por si mesmo é dependente do Espírito Definitivo ou Purusha.

MĀNASA ou MANASĀ - (Mit) Nome que na mitologia hindu se dava aos deuses, antepassados ou ascetas. Há um lago no Himalaia denominado Mānasa e que é um local de peregrinação, por se acreditar que o mesmo seja a nascente do rio Ganges. Manasā era uma deusa-cobra do épico e Purānas, cujos poderes especiais fizeram com que ela fosse invocada para curar mordeduras de cobras. Hoje em dia é uma das divindades mais populares de Bengala, até mais do que a própria Kali, e lendas ligadas ao seu culto são fonte de inspiração, especialmente para mulheres.

MANASSÉ, BEN JOSÉ BEN ISRAEL - (1604-1657) Teólogo judeu. Nasceu em La Rochelle. Morreu em Middelburgo, Holanda. Residiu durante algum tempo em Lisboa, transferindo-se depois para a Holanda. Foi rabino em Amsterdã, onde estabeleceu, em 1628, uma imprensa hebraica. Após a morte de Carlos I, procurou pôr termo à exclusão legal de judeus da Inglaterra. Apesar de ter sido ajudado por Cronwell, o qual designou uma assembléia de advogados e sacerdotes para examinar a petição, seu projeto não obteve aprovação do Parlamento. Escreveu: *O conciliador*, 1632; *Esperança de Israel*, 1650; *Pedro glorioso*, 1655; *Vindiciae judaeorum*, 1656; *De fragilitate humana*, etc.

MANASSÉS - (Bibl) 1) Personagem bíblica. Rei de Judá, filho e sucessor de Ezequias, subiu ao trono em 698 a.C. quando contava doze anos de idade. Distinguiu-se por sua idolatria. Levantou altares a Baal, estabeleceu o culto nos altos lugares e facilitou a astrologia. Tornou-se também notável por sua crueldade e por sua perseguição ao javismo. Há quem diga que, entre suas vítimas, se contou o profeta Isaías. Deus castigou-o fazendo-o prisioneiro do rei da Assíria - Assurbanipal. Depois se arrependeu dos seus crimes e abominações, e foi então reconduzido ao trono. Seu reinado foi de cinqüenta e cinco anos. No fim, retornou a Javé e restabeleceu o culto que ele próprio havia destruído. Foi dentre os reis de Judá o que durante mais longo tempo reinou. Ao morrer em 642, quase septuagenário, sucedeu-lhe no trono o seu filho Amon.

2) Tribo israelita, composta de sete famílias, uma das quais fundada por Maquir, filho de Manassés, e as outras seis procediam de Galaad (Gn 50,23; Nm 26,28-34). Estabeleceram-se ao oriente do Jordão. Metade da tribo associou-se às de Ruben e de Gad. Nas nascentes do Jordão, após a conquista da terra, edificaram um altar. A região que coube à meia tribo de Manassés compreendia parte do Galaad e todo o Basã e Manaim que se achava na linha divisória (Dt 3,13; Js 13,29/33). Outra metade da tribo atravessou o Jordão e estabeleceu-se na parte central da Palestina.

MANĀT - (Mit) Deusa do destino e da morte na antiga Arábia. O seu santuário principal ficava perto de Meca, na estrada para Medina, onde era representada por uma pedra preta, que foi destruída por Maomé, em 630, quando da tomada de Meca. Manāt era cultuada em muitos outros lugares da Arábia.

MĀNAVA DHARMA SĀSTRA - (Hind) O nome do Código de Leis atribuído a Manu.

M.
foi
nen
quei
do p
fica
que
sano

MA
franc
semir
beh.
mãos
lém. I
Franci
tério n
rusaléi
mação
eleito c
Jordâni

MAN
redondt
pessoas
livros d
grama s
no qual
ou papel
seus sím
nergia i
feitos en
tuais des
ras espec
e na medi

MAND.
Obrigação
as mais ir
objeto de
costumeir
séc. XVII
ja: 1) part
cados; 2)
confessar-
durante p-
servar o j-
mo confor

MAND.
dez leis (Antigo Te do séc. X em forma Deus:

- 1) Amar a
- 2) Não tor
- 3) Guarda
- 4) Honrar
- 5) Não m
- 6) Não pe
- 7) Não fui
- 8) Não lev
- 9) Não de
- 10) Não c

UZBEQUISTÃO

(27,19). Na hipótese de se tratar de topônimo, a referência é feita quanto aos habitantes dessa região, comerciantes como os de Sabá e de Rema, citados no mesmo oráculo (27,22). O povo de Tiro mantinha relações comerciais com as tribos árabes de Uzal.

UZBEQUISTÃO – Denominação Oficial: República de Uzbequistão. Área: 447.400 km². População: 20.332.000 (est. 1990). Situa-se no centro da Ásia, limitando-se ao norte, nordeste e noroeste com Cazaquistão e ao sul com Afeganistão. Pertence à Comunidade dos Estados Independentes desde 1991. Do ponto

de vista religioso domina o islamismo com maioria de sunitas.

UZZĀ – (Mit) Deusa da antiga Arábia, geralmente identificada com Vênus ou com a estrela matutina. Seu principal santuário localiza-se ao sul de Meca onde havia três árvores de acácias e uma pedra sagrada. O Corão refere-se a al'Uzzā junto com Manāt e al-Lāt. O santuário principal foi destruído em 630, após a conquista de Meca, por Maomé, mas a crença em al-Uzzā sobreviveu por muito tempo.

VAABISI

conservador; discussões e doutrinas de no século X Central. Difícil ameaçar de i porém, no n oposição a e: bia Saudita. lhes a mão d sedas, a mú: ções, no sen' promovidas }

VAC – (Hi ou fala, isto é de comunica época védica único meio c das do Veda fez surgir a r retas, mas tai o que os mar zes. A lingu nome, mas p da coisa char cedia o pod "Atharvanic sem conhecic vamente. O E ra que Vac (brahman), p conheciment to) ser apreni sas), erudiçã (upanisads) e cidas.

VACA – (S símbolo da te razão como a